

Com-Brasil

Confiança e trabalho

ESTADO DE SÃO PAULO
11 DEZ 1991

Durante a última moda intelectual sobre a morte de Deus, o dono de um pub perto de Londres pendurou na parede de seu estabelecimento uma tabuleta anunciando que "Deus está vivo, passa bem e está trabalhando num projeto muito menos ambicioso".

Não conhecemos, no Brasil, um taberneiro que se faça arauto divino. Mas há aqui obras humanas que, se fossem atacadas com menos pretensão e mais persistência, poderiam resultar em benefícios imensos. Basta comparar o diagnóstico que o presidente Fernando Collor de Mello faz dos males deste país — e os remédios que propõe — com a maneira como conduz a administração pública para se comprovar que, entre as intenções e a realidade, cresce um hiato, que todos conhecemos, chamado crise.

Discursando aos novos oficiais-generais, o presidente da República enumerou medidas que, se implementadas, fariam do Brasil um país moderno: combate à inflação, estabilização e saneamento da

economia, reforma administrativa do Estado, contenção do déficit público e estabelecimento da verdade tributária, abertura do mercado à concorrência internacional; incentivo à qualidade e à produtividade; desestatização; atração de investimentos, além de capacitação científica e tecnológica. Podem-se acrescentar à lista uns poucos itens, mas ninguém, de forma lúcida, julgaria supérflua nenhuma das medidas dessa relação.

Ora, se é visível o consenso nacional em torno do que fazer, a persistência da crise somente se justifica pela falta daquilo que o presidente Fernando Collor de Mello denomina "componente político" e resume em "confiança" e "trabalho".

Os sucessivos erros iniciais de um governo formado por pessoas na maioria inexperientes, marcado por um estilo excessivamente imperioso para ser tranquilamente absorvido pela população urbana que forma a maioria do ecúmeno brasileiro — a par dos grupos de interesse que se formaram em torno de origens

regionais ou de amizades pessoais —, reduziram a confiança inicial na administração. Mas igualmente grave é um estilo de governo que privilegia o sensacional em detrimento do trabalho pertinaz, da obra que se torna grande porque feita pouco a pouco — mas continuamente.

Muito da crise é de natureza estrutural — o que também pode ser alterado por meio de reformas não necessariamente abrangentes. Sobra, porém, bastante a fazer no plano conjuntural, para estancar e até fazer reverter a crise. Há trabalho de formiga a ser feito, mas este não é o estilo do atual governo, que despreza tudo o que não for grandioso e espetacular. Contudo, nem o grande nem o pequeno serão feitos, se o governo não se dedicar ao trabalho de construir maioria parlamentar para sustentar — ainda que caso a caso — seus projetos no Congresso.

Haverá esperanças se ouvirmos que o governo passa bem e está trabalhando num projeto muito menos ambicioso.